

Dharmacracia e sustentabilidade

Ao passarmos os olhos pela história das nações, podemos sentir ressoar da boca coletiva do povo esta palavra que, expressa em atos, constitui a contribuição de cada nação para uma humanidade ideal e perfeita. Para o antigo Egito, tal palavra foi Religião; para a Pérsia, Pureza; para a Caldéia, Ciência; para a Grécia, Beleza; para Roma, Lei, e para a Índia - o mais velho de seus filhos -, para a Índia, Ele concedeu uma palavra que a todas resumia, a palavra Dharma. Eis a palavra da Índia para o mundo.

Annie Besant, in Dharma

Maurício Andrés Ribeiro (*)

Muitas palavras de origem indiana se incorporaram ao vocabulário comum no Brasil: ioga, guru e karma são algumas entre elas. Outras, igualmente importantes, são entendidas e utilizadas apenas pelos estudiosos. Entre estas está o conceito de *dharm*, central para a compreensão da civilização indiana, e que permite refletir sobre o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade de um modo não-usual.

Dharma é um substantivo proveniente da raiz do sânscrito *dhr*, que significa sustentar, carregar, manter unido: “É a lei, aquilo que sustenta, mantém unido ou erguido.”^{1[1]}. *Dharma* é “o ‘suporte’ dos seres e das coisas, a lei da ordem em sua maior extensão, isto é, a ordem cósmica.”^{2[2]}.

O lema da Índia é “Unidade na Diversidade”. Trata-se de uma nação multinacional, culturalmente variada. O *dharm*, aquilo que mantém as coisas unidas, é, no dizer de Sri Aurobindo, a lei do ser, padrão de verdade, regra ou lei da ação; é a forma como o povo indiano concebe a conduta religiosa, social ou moral. O *dharm* pode, assim, ser visto como um fator de agregação, que evita a fragmentação de uma pessoa ou civilização.

A civilização indiana absorveu de forma seletiva as pressões culturais trazidas pelos diversos povos que invadiram o subcontinente indiano durante sua longa história. Baseada no seu *dharm*, aquela civilização soube sustentar-se por milênios e esconde tesouros culturais valiosos, num mundo contemporâneo voraz no consumo material e que enfrenta impasses quanto à viabilidade da sobrevivência da espécie humana.

Estudiosos da democracia dos direitos, ao mesmo tempo em que apregoam suas virtudes, como sendo o regime político mais avançado, já alcançado pelas sociedades humanas, apontam para suas fragilidades. O filósofo Jürgen Habermas, em artigo recente na Folha de São Paulo, ressalta as tensões que permanentemente desafiam o estado democrático de direito, especialmente com o terrorismo do início do século XXI. Manuel Castells fala da necessidade da democracia se reinventar.

^{1[1]} ZIMMER, Heinrich, *Filosofias da Índia*, p.123.

^{2[2]} LEMAITRE. *Hinduismo ou Sanatana Dharma*, p.76.

‘Dharmacracia’ é um conceito ainda ausente dos dicionários ocidentais. Seria a forma de governo baseada na aplicação do *dharma* e vai além da democracia que se pretende defensora de direitos e que viceja nos regimes políticos ocidentais mais abertos.

Aurobindo afirma que os estados-nação e a democracia dos direitos não constituem o último estágio da evolução política da humanidade. Ele assim define ‘Dharmacracia’: “*Já se disse que a democracia é baseada nos direitos do homem; respondeu-se que ela deveria basear-se nos deveres do homem; mas tanto direitos como deveres são idéias européias. Dharma é a concepção indiana na qual direitos e deveres perdem o antagonismo artificial criado por uma visão do mundo que faz do egoísmo a raiz da ação, e restabelece sua profunda e eterna unidade. Dharma é a base da democracia que a Ásia deve reconhecer, porque nisso está a distinção entre a alma da Ásia e a alma da Europa. Por meio do Dharma a evolução asiática se realiza, ele é o seu sagrado.*”^{3[3]}

A dharmacracia integra a ética à política e articula as relações políticas aos padrões de conduta e comportamento individuais, fazendo uma ponte entre o psicológico e o social. Uma democracia será ‘dharmacrática’ quando complementar a visão dos direitos humanos com padrões aceitáveis de cuidado na relação com a natureza e na vida individual e social. Para que esse ideal se realize, é necessário transformar os valores e a energia dominantes que orientam as motivações e as ações de políticos, cientistas, formadores de opinião, assim como promover a educação para os valores humanos, em direção a uma ética ecológica, com padrões de consumo material e a estilos de vida que permitam o florescimento da civilização sustentável.

É preciso realizar um esforço de compreensão transcultural para se promover uma real aproximação entre os conceitos e visões de mundo das civilizações orientais e ocidentais. Numa visão prospectiva, é preciso que os filósofos, pensadores, cientistas políticos e os próprios políticos abram sua visão de mundo para outro repertório, para além das limitações do pensamento fragmentado. Um pensamento prospectivo e livre pode oferecer pistas para superar e transcender os impasses civilizatórios contemporâneos, que levam a guerras e destruições.

(*) Ex-pesquisador visitante no Instituto Indiano de Administração de Bangalore, autor de *Ecologizar- pensando o ambiente humano*, de *Tesouros da Índia para a civilização sustentável* e de *Ecologizando a cidade e o planeta*.
mandrib@uol.com.br WWW.ecologizar.com.br

^{3[3]} Sri Aurobindo Complete Works, vol.1, p.759.